

IMPRENSA YTUANA

DO INSTITUTO DO NOVO MUNDO

ASSIGNATURA

Anno, 8\$000—6 mezes 5\$000. Tanto para cidade como para fóra.

PROVINCIA DE S. PAULO

COLLABORADORES---DIVERSOS

EDITOR—FELICIANO LEITE PACHECO JUNIOR

CONDIÇÕES

Publicações e annuncios pelo preço que se convencionar.

BRAZIL

Publica-se aos domingos, recebe-se annuncios até as sextas-feiras ao meio dia.

Anno II

Ytú, 10 de Junho de 1877.

N. 520

IMPRENSA YTUANA

YTU, 10 DE JUNHO DE 1877.

De ha muito que a secca faz não pequeno numero de victimas nas provincias do norte.

Em quasi todos os pontos do Imperio se tem promovido donativos em seo auxilio, assim accudindo ao justo reclamo d'aquelles nossos infelizes irmãos, ora partindo a iniciativa das camaras municipaes, ora de qualquer cidadão.

Já estranho irá parecendo aos olhos de todos, que nossa cidade, que tem fóros de culta, pois que a civilização de um povo tambem se mede pelas acções philanthropicas que pratica, a terra classica da religião, nada tenha feito neste intuito.

Não sabemos a que attribuir tal silencio: será talvez por alguns entenderem que seja esse flagello mandado áquellas provincias pela Providencia como para fazel-as expiar dos actos que praticaram a trez annos atraz, por julgarem que erão criminosos,

Cremos que não, pois se assim é, não é louvavel tal proceder: a caridade é perfeita cosmopolita, não indaga do passado de quem a procura, á christãos e musulmanos estende mão amiga.

Agora que, ao que nos consta, a Ill.^{ma} Camara trata de nomear commissões para promover os festejos para a recepção de SS. AA. Imperiaes, parece nos ozada occasião, para tam-

bem, attendendo ao que dizemos, nominar uma ou mais commissões para que angarie donativos em favor das victimas da secca nas provincias do norte.

Estamos certos que SS. Altezas até dispensarão recepção pompoza muito mais lhe agradando, verem as verbas para isso destinados, serem applicadas para um fim todo de caridade, pois que bem altos fallão seos sentimentos de philanthropia.

Consta-nos que a sociedade particular *Amor ao Palco* tenta em breve levar á scena um drama, tambem á ella appellamos, e temos fé, que como já o tem feito por mais de uma vez, estará prompta a dar o producto obtido em favor d'aquelles infelizes.

A commissão promotora dos donativos em favor dos inundados de Portugal, não tendo ainda remittido o producto da subscrição que fizera, muito exactamente andaria si tambem applicasse o em auxilio destas novas victimas, pois que, como se sabe, Portugal já não mais precisa de soccorro.

Esperamos que nossas palavras encontrarão echo não só nos sentimentos generosos da Ill.^{ma} Camara, que tomará si este nobre encargo, como nós de toda a população que pressuroza virá concorrer com seo obulo em soccorro d'aquelles que se arcão com a fome e com a sede, esses dois terriveis flagellos de um povo.

Assim pois, teremos mostrado que não somos surdos aos doridos gemidos dos que soffrem.

CORRESPONDENCIA

PORTO FELIZ 31 DE MAIO DE 1877

Ill.^{mo} Sr. Redactor da *Imprensa Ytuana*.

Ha decorrido já um bem longo periodo de tempo desde o dia que lhe derigi a minha ultima carta. A carencia quasi absoluta de noticias em uma terra pequena foi a principal causa do meu silencio.

Hoje, porém, resolvi apparecer de novo á tona da publicidade, apesar de não ser muito farta a minha provisão de noticias. Começarei pela sessão do Jury que aqui terá lugar no dia 28 do corrente. Presidio o Tribunal o Dr. Brotero, e occupou a cadeira da Promotoria Publica, interinamente, o Sr. Paulino Lima. Foi submettido á julgamento um processo em que arão réo Jordão Alves, accusado de ferimentos graves na pessoa de seu irmão.

O Jury votou por unanimidade a justificativa, e foi o réo absolvido, visto ter disparado o tiro am legitima defesa. Produzio a defeza da accusado o Dr. José Manoel de Arruda Alvim, distincto filho desta Cidade, que teve a occasião de fazer uma brilhante estréia na tribuna judiciaria.

O Dr. Alvim revelou nesta occasião uma decidida vocação para a tribuna. Possuindo em elevado grau todos os dotes que constituem um orador consummado, conservava-se afastado das lutas da palavra por sua ex-

cessiva modestia. Obteve um triumpho brilhante, alcançando a absolvição para o seu cliente, que em boa hora confiou a defeza de sua causa á um tão abalisado Jurisconsulto.

Muito folgamos em apresentar mais um Portofelicence que se distingue nas pugnas da intelligencia. Ao encerrar a sessão o Dr. Brotero derigio aos seus jurisdicionados tocantes palavras de despedida, visto achar-se este Termo desmembrado da Comarca de Ytú. O Sr. Leopoldo Motta tomou a palavra, e como Juis de facto e como habitante de Porto Feliz significou ao Dr. Brotero em phrases eloquentes o pezar que tinham os Portofelicenses de separarem-se do Magistrado honesto e illustrado. Abundando nas mesmas considerações, seja-me aqui permitido consignar um voto de verdadeira saudade, pelo Magistrado independente que sempre soube distribuir justiça. Pode S. S. ficar certo que os Portofelicenses receberão essa noticia com ver-ladeiro pezar; e que jamais se apagará de sua memoria a lembrança do Juis integro e do cava heiro distincto.

—O nosso Engenho Central va bem. As obras progredem. O emmadeiramento da casa está bem adiantado. O serviço de pedreiros para o assentamento das machinos, já começou.

Está já prompta a chaminé em uma altura de 25 metros.

Consta que grande parte do machinismo já se acha na Alameda de

FOLHETIM

AVATAR

Por

Theophilo Gautier.

Traduzido

por

SALVADOR DE MENDONÇA.

(Continuação de N. 67)

XI

Bem lhe dizia eu, doutor, que nada podia fazer por mim; vejo-me ainda mais desgraçado do que quando me foi visitar pela primeira vez.

— Quem poderá marcar um limite ás faculdades da alma, disse o doutor Barthazar Cherbonneau com ar meditativo, sobretudo quando não se acha disvirtuada por nenhum pensamento terrestre, maculada por nenhum limo humano e conserva-se tal qual sahio das mãos do Creador—na luz da contemplação do amor? Sim, tem razão, ella o conhece; seu angelico pudor estremeceu todo sob o olhar do desejo e instintivamente cobriu-se com suas azas brancas. Lamento-o meu, Octavio! seu soffrimento é com effeito sem remedio. Si estivessemos na idade media dir-lhe-hia: Entre para um convento.

—Tenho nisso pensado muitas vezes, respondeu Octavio.

Tinham no entretanto chegado. O coupé do falso Octavio estava já no logar ajustado.

O bosque apresentava a essa hora da manhã um aspecto verdadeiramente pictoresco, que a *fashion* roubava-lhe durante o dia: corria essa parte do estio em que o sol não tem ainda tempo de escurecer a verde folhagem; cores frescas, transparentes, lavadas pelo orvalho da noite, destacavam os massicos de verdura, de que se exhalava um perfume de virgem vegetação. As arvores nesse logar são especialmente bellas, ou porque tenham encontrado um terreno mais favoravel, ou porque sejam as unicas que se conservavam

vegetação antiga; os troncos vigorosos, tapados de musgo ou assetinados com a sua cascata de prata, agarram-se ao solo por meio de raizes nodosas, projectam ramos de fórmulas extravagantes, e poderiam servir de modelos aos estudos de pintura e decorações, para as quaes mui longe se vão procurar outros muito menos notaveis. Alguns passarinhos que o ruido do dia faz calar, chilravam alegres sob a folhagem. Uma lebre arisca atravessava em tres saltos a areia da alameda e corria a esconder-se nas moitas, assustada com o barulho dos carros.

Essa poesia da natureza, surprehendida em habitos menores, preocupava bem pouco como é facil ver, os dous adversarios e suas testemunhas.

A presença do doutor Cherbonneau causou desagradavel impressão no conde Olaf Labinski; toi, porem, impressão de um momento. Mediram as espadas, marcaram as posições dos combatentes, que depois de tiradas as casacas, pozeram-se em guarda, frente á frente. As testemunhas gritaram:—Vamos.

Em todo o duello, qualquer que seja o encarniçamento dos adversarios, ha um momento de immobildade solemne; cada combatente estuda o inimigo em silencio e fórma o seo plano, calculando o ataque e preparando-se para a defeza; depois as espadas procuram-se, desafiavam-se apalparam-se por assim dizer, sem perderem-se de vista: isto dura alguns segundos, que parecem minutos, horas á anciedade dos assistentes.

Aqui, as condições do duello, apparentemente ordinarias para os espectadores, eram tão singulares para os combatentes, que permaneceram assim em guarda por mais tempo do que era costume. Na verdade cada um tinha deante de si seu proprio corpo e ia entrar o ferro em uma carne que ainda na vespera lhe pertencia.

O duello implicava uma especie de suicidio não previsto, e, postoque ambos valerosos, Octavio e o conde sentiam um horror instinctivo ao verem-se com as espadas em punho ante seus phantasmas e prestes a atirarem-se sobre si proprios.

As testemunhas impacientadas iam clamar ainda uma vez:—Senhores, vamos! quando as folhas das espadas mutuamente se feriram.

Alguns botes foram aparada com equal presteza parte á parte.

O conde, graças á sua educação militar, era um habilíssimo de espada; tinha aberto inumeros furos nas cotas d'armas dos mestres

mais celebres; mas si continhava a dispór da theoria, já não tinha para pô-la em pratica esse braço vigoroso, habituado a perseguir os mouridas de Schamyl; era o debil punho de Octavio que sustinha a espada.

Octavio, ao contrario, no corpo do conde achava-se com um vigor inaudito, e, postoque menos adestrado, afastava sempre do peito o ferro que o procurava.

Debalde Olaf tentava alcançar o adversario e atravesar botes arriscados. Octavio, mais firme e mais firme, frustrava todo o ardil.

A cholera começava de apoderar-se do conde, cujo duellar tornava-se atrevido, mas desordenado. Resignado a ficar Octavio de Saville, queria matar esse corpo impostor que podia enganar Prascovia, pensamento este que lhe causava inexprimivel raiva.

Correndo o risco de deixar-se atravessar pelo adversario, tentou ir a fundo para tocar, atravez do seu proprio corpo, a alma e a vida do seu rival; mas a espada de Octavio volteou em torno da sua num movimento tão rapido, tão secco, tão irresistivel, que o ferro, arrancado do punho do conde, saltou para o ar e foi cahir a alguns passos de distancia.

A vida de Olaf estava á disposição de Octavio: não tinha mais do que cahir sobre elle para traspasá-lo de lado a lado. O rosto do conde vestiu-se de terror, não que tivesse medo da morte, mas por pensar que ia deixar sua mulher entregue ao ladrão do seu corpo, que dahi em deante nada podia desmascarar.

Octavio, longe de aproveitar-se da sua vantagem, atirou fóra a espada, e, fazendo o signal ás testemunhas que não intervissem, encaminhou-se para o conde estupefacto e tomou-o pelo braço, levando-o a um logar cerrado do bosque.

— O que me quer, Senhor? disse o conde. Porque me não matou quando o podia fazer? Porque não quiz continuar o duello, depois de me haver deixado tomar a espada, si lhe repugnava ferir um homem desarmado? sabe muito bem que o sol não deve projectar a um tempo nos suas duas sombras no chão e que cumpre que a terra absorva nma.

— Ouça-me com paciencia, disse Octavio. Sua felicidade está em minhas mãos. Posso conservar para sempre este corpo, em que hoje moro e que lhe pertence por justos titulos. Não tenho satisfação em dizê-lo, agora que não temos testemunhas e que só os passaros, que o não repetirão, podem ouvirnos; si começarmos o duello, eu o matarei. O conde Olaf Labinski, que represento da melhor

maneira que posso, é mais forte no escuro do que Octavio de Saville, cuja fórma sempre tem presentemente, e que serei forçado a matar a meu pezar, e a supprimir; e esta é a única coisa que não real, por isso que não posso fazer a brevinaria, imitar a mortificar minha alma.

O conde, reconhecendo a verdade das observações, conservou-se calado e sem mostrar de acquiscencia.

— Nunca lhe será possível continuar Octavio, si eu me oppuzer, reintegrar-se na sua individualidade; sabe em que demora as suas duas tentativas. Outra investida fa-lo-ha passar por um monomaniaco. Ninguém acreditará uma palavra das suas alegações, e quando o senhor pretender ser o conde Olaf Labinski, todos o esquecerão, como já tem dados para disto se convencer. Mettê-lo-hão em um hospicio e terá de passar o resto da sua vida dentro de uma jaula a protestar que é effectivamente o marido da formosa condessa Prascovia Labinska. As almas compassivas dirão ao ouvido: — Pobre Octavio! Será desdenhado como o Chabert de Balzac, que pretendia provar que não estava morto.

Isto era tão mathematicamente verdadeiro que o conde abatido deixou cahir a cabeça sobre o peito.

— Como é agora Octavio de Saville, tem sem duvida remecheido as suas gavetas, folheado os seus papeis, e não pôde ignorar que elle nutre de ha tres annos pela condessa Prascovia Labinska um amor de louco, sem esperança, que debalde tem procurado arranjar do coração, e que não sabrá si não com a vida, si o não seguir ao tumulo.

— Sim, sei, disse o conde mordendo os beiços.

— Pois bem, para chegar até ella, lancei mão de um meio horrivel, medonho, e que só uma paixão delirante poderia aceitar; o doutor Cherbonneau por minha cauza poz-mão em uma obra capaz de fazer recuar os thaumaturgos de todos os paizes e de todos os tempos. Depois de nos haver posto a ambos em profundo somno, trocou magneticamente o envolvero das nossas almas. Maravilha inutil! Veu restituir-lhe seu corpo: Prascovia não me ama! No corpo do marido reconheceu a alma do amante; seu olhar fez-se gello no limiar da camara conjugal, como no jardim da villa Selviati.

Um soffrimento tão verdadeiro trahia-se na expressão de Octavio que o conde acreditou em suas palavras.

(Continua)

Santos, e que na Estação dessa Cidade estão alguns volumes contendo chapas de ferro para a coberta da casa. Já se ve, pois, que existem bem fundadas esperanças para crer-se que o Engenho Central de Porto Feliz será em breve uma realidade. Achão-se já aqui quatro operarios mechanicos que a Companhia mandou vir da Ilha Mauricio, expressamente para trabalharem no assentamento das machinas e no fabrico do primeiro assucar.

Consta me que o pessoal é muito habilitado, visto que a Mauricio é um dos lugares em que ha muitas Usinas e por tanto estão ellas muito no caso de bem desempenharem a tarefa que lhes foi confiada. Vae, afinal, o Porto Feliz, um municipio que já se julgava morto e com um *De profundis* encomendada, gozar de um melhoramento que o fará conquistar a posição dos municipios mais prosperos da Provincia.

Este facto vem provar a toda a luz o quanto podem a for. a de vontade e o espirito de iniciativa individual.

Vem ainda solver o difficil problema da substituição do braço escravo pela introdução do machinismo aperfeiçoado.

O Africano boccal, em uma epocha que não está muito distante deixaria de nos prestar o auxilio de seu braço para a cultura da terra; e é pois do bom conselho pedir a Mechanica a quillo que não nos puder dar mais a machina que vive, — o escravo!

Que a agricultura de minha terra, bem como a manipulação dos seus productos mais e mais se aperfeiçoem por meio de processos novos, e que o amor do escravo em breve deixe de ser o amanho unico para as suas terras são os ardentes votos de

UM PORTOFELICENCE.

LITTERATURA

AMELIA

POR

P. MONIZ

II

AMELIA

(Continuação de 67)

Realmente quem escutava a sua voz sentia um encanto, e magia ineffavel, o seu canto arrebatava o espirito e conduzio-o a um mundo delizioso e ignoto.

Dos numerosos frequentadores da casa do Pai de Amelia, só um manco que se dizia chamar Eduardo de Mello, é que não apreciava ouvir a moça cantar.

Este mancebo era alto, tinha cabellos louros, e barba ruiva. As suas maneiras eram distinctas, a sua conversação amena e espirituosa, e estava sempre jovial e risonho. Mas quando Amelia, se dirigia ao piano e cantava: elle ficava triste e sombrio, o seu olhar dardava um fulgor sinistro, e a sua fisionomia indicava que tinha muita aversão á musica.

Na noite em que Paulo, e Julio, foram a trahidos pelo canto sonoro de Amelia, estava Eduardo, debruçado na janella, e parecia alheio a tudo que se passava. Depois que a moça parou de cantar, elle levantou-se e olhou para a rua, viu os dous mancebos que ali estavam, quiz reconhecellos mas como não o conseguiu, despediu-se de toda a familia para os seguir até que se lhes apresentasse o ensejo de os reconhecer, porisso quando viu que elles se dirigiam ao Hotel, ficou satisfeito por ver que lá teria occasião de realizar o seu desejo. Entrou a diante e occultou-se em um canto, ficando com o olhar fito na entrada para quando os dous moços apparecem elle poder avista-los e conhece-los.

Julio vinha adiante, logo que Eduardo, viu o rosto de bello, adolescente, sentiu uma vertigem e foi preciso amparar-se á parede para não cair. Os dous amigos vinham tão destrahidos que nem repararam n'elle. Eduardo, viu os passar, mas estava

com a vista tão turva que não distinguio as feições de Paulo, o amigo do moço que lhe fez tão grande impressão.

Só passados alguns instantes é que Eduardo, ficou calmo, depois entrou para o interior do Hotel, na esperança de ver os dous moços, mas como elles já se tinham retirado ao seu quarto. Então pediu commodo para prenoitar alli. Por casualidade derão-lhe um quarto contínuo ao dos dous mancebos.

Esteve muito tempo escutando o que elles diziam; a conversação dos dous moços parecia que o torturava muito, estava tremulo e anciozo, quando Julio, fallou da morte da irmã, Eduardo deu um gémido e ficou delirante balbuciando palavras inelligiveis. Depois na occasião em que o mancebo se lastimava de não ter achado o Pai, e dizia que talvez nunca mais o visse; elle não se conteve e bradou-lhe:

— Verás!

Mas logo ficou arrependido do que tinha feito. Sahi rapidamente do Hotel, e achou se na rua.

Os dous amigos, estavam tão preocupados que não ouviram a voz de Eduardo.

Paulo escutava o amigo, e não achava palavras convicentes para o consolar, estava reciozo, — como o medico christão, que teme ao apalpar uma ferida magoal-a mais.

Julio, prosseguiu:

— Sim, talvez nunca mais o veja, e eu, mostro o rizo nos labios e tenho lagrimas no coração. Finjo viver na maior alegria e si to-me acabrunhado por um grande pezar. Queres saber porque fasso isto? É para que as almas de zinco não zombem das minhas dores, ou me queiram dar a consolação de uma piedade insultuosa e aviltante. Sim, Paulo, sim, continuou elle convulso, choro, mas em silencio, porque tenho a certeza de que ninguem me vem enxugar as lagrimas, com a esponja escarnekedora. Soffro, mas os meus gemidos não sahem do coração.

Tu, que és meu amigo, contempla a minha situação.

Aos vinte annos de idade, a minha vida dominada pela desgraça. O meu coração dilacerado pelos soffrimentos.

Longe de uma patria que adoro, sem affeições e caricias de familia, e sorrendo lentamente o calix da desventura.

Se tu soubesses o quanto padeço, nas longas noites de insomnia. As vezes parece-me ver debruçados sobre o meu leito os dous entes queridos, que tanto amei. Mas essa doce vizão, desaparece e vejo-me sempre na tortuosa realidade.

Paulo, estava muito comovido e não sabia o que lhe havia de responder.

Julio, permanecia com a cabeça baixa epelo rosto cahião-lhe abundantes lagrimas.

Depois de um pequeno silencio continuou:

As vezes, a luz da minha razão quer escurecer-se e apagar nas trevas do desalento, o meu coração embriaga-se com o desejo de sahir deste mundo que para mim é tão cheio de tormentos e quasi sempre tenho na mente a idea do suicidio.

O que me tem contido é o lembrar-me de meu Pai, que talvez esteja caminhando para o tumulo, pela estrada da miseria, e que se o encontrar ainda lhe posso amparar os dias da velhice. E depois, acrescentou elle, em voz baixa e terrivel, lembro-me que tenho de vingar a deshonra de minha irmã. O amor filial tem feito adormecer o desejo de saciar a sede da vingança, mas breve despertará.

Já que Deus, não me faz achar meu Pai, espero que Satanaz, me hade fazer encontrar o algoz de minha irmã. Depois de a vingar, deixarei este mundo vil, e abominavel. Perdi as esperanças de encontrar meu Pai, conheço que é melhor não existir do que viver sem parentes e amigos.

Paulo, ao ouvir as ultimas palavras do mancebo levantou-se e disse-lhe:

— É's injusto Julio, não te abates ao si-do teu amigo? mais do que o amigo, irmão?

Julio, abraçou o amigo e disse-lhe:

— Perdoa-me Paulo, eu estou tão perturbado que nem sei o que digo.

— Tens razão, mas agora socega; mais tarde me contarás os teus dissabores. Estás tão desvaído pela emoção, que exageras a desgraça de tua irmã.

— Não, Paulo, não exagero, replicou Julio, com voz rouca e medonha.

Minha irmã era pura como um anjo. Viu um homem que lhe captivou o coração, e ella apaixonou-se com todo o ardor do primeiro amor. Elle, o monstro seduziu-a enganou-a e arrojou-a nos braços do opprobrio. Ella então preferiu a morte, á deshonra. Os depois é que o seu algoz se horrorisou de sua perversidade e fugiu espavorido, do lugar em que deixou a ignominia.

Eu, era uma creança, mas ajoelhei diante do leito murtuario de minha irmã, e jurei vingança. Soube que o miseravel que a perdeu veio para America. A sua feição nunca me hade esquecer, — porque o odio e a vingança gravou-ma no coração.

Julio, disse isto com tanta energia, e o olhar brilhava com tanto fulgor, que Paulo, ficou fascinado.

Ficaram em silencio alguns instantes e quando iam reatar a conversação foram interrompidos, por uma grande gritaria que faziam na sala de jantar.

(Continua.)

VARIEDADE

Paulo de Kock

ESTUDO BIOGRAPHICO

Paulo de Kock adora os gatos. Essa predileção fez com que o perseguissem gatinhas brancas, pretas e de todas as cores. Cansado de ver-se atormentado por ellas, o nosso heróe casou-se.

Sua vida, desde esse momento, foi menos dissipada e mais laboriosa. Os baptizados reproduziram-se todos os nove mezes; elle admirou a fecundidade de seu hymeneu, e encheu-se de emulação.

Quantos mais filhos lhe dava sua mulher, mais livros elle escrevia.

De 1825 a 1835, a Sra. Paulo de Kock foi seis vezes mãe, e os editores de seu espóso venderam dozoito obras novas; tres romances completos por cada baptisado.

O augmento de fortuna caminhava na razão directa da progenitura.

Em vez de alugar em Romainville a casinha tão desejada, Paulo de Kock mandou construir uma em terreno proprio, e com sua familia corriam e saltavam a sombra do bosque.

Apenas estavam de posse da nova residencia, apresentou-se respeitavelmente o dono de uma casa de pasto de Bagnoles.

— O sr. Paulo de Kock? disse ao proprio romancista

— O que quer com elle, meu amigo?

— Fazer-lhe os meus cumprimentos, em primeiro lugar.

— Pois Vm. conhece-o?

— Se o conhece, certamente! Devo-lhe a minha fortuna.

— Como assim?

— Ah! eis o caso, imagine Vm. que Paulo de Kock janta em minha casa todos os domingos.

— Todos os domingos? Vm. está bem certo disso?

— Essa é boa! Até janta com sua esposa.

— A prova é excellente! exclamou o autor da *Irmã Anna*, rindo-se ás gargalhadas. Estás ouvindo, minha amiga? acrescentou elle voltando para sua mulher.

— Sem duvida! sem duvida! proseguiu o pasteleiro, e posso affirmar que comem como reis. Reserva sempre para elles os melhores bocados... e nunca lhes dou a conta. Vm. comprehende? O negocio corre me ás mil maravilhas! Cento e cincoenta pes-

— Jantam em minha casa aos domingos, e toda a semana de boa vontade o dobro, quando lhes

Paulo de Kock. Porisso, logo que me constou que elle era nosso vizinho disse com os meus botões: Talvez o grande escriptor consinta em vir algumas vezes nos dias de semana. Vou fazer-lhe os meus cumprimentos.

— Aceito os seus cumprimentos, meu amigo, disse o romancista batendo-lhe no hombro; porem é bom que lhe diga que alguém sem procuração minha tem-lhe comido os jantares.

Sem procuração sua... É justo... Perdão!... mas não percebo.

— Melhor me comprehenderá quando eu lhe disser que o enganam. Olhe para mim. Já me viu alguma vez?

— Não.

— Pois bem, eu sou Paulo de Kock.

— Bondade do céu... é possível?... Ah! tratante!... estou roubado! exclamou o pasteleiro.

Não, porque Vm. fez um bom negocio. Ao menos assim o confessou ha pouco.

— Sem duvida, porem... que pena! Doze ou quinze vezes mais, e eu deixaria o negocio para ir viver com o rendimento de meus fundos!

— Agora que Vm. está desenganoado, não lhe sirva de capa, disse Paulo de Kock, porque então darei parte a policia. Quando janto em casa de pasto, pago a despeza que faço.

Sua mulher morreu em 1844, no mesmo anno que seu irmão o ministro e, de todos os seus filhos, só lhe resta um rapaz e uma môça.

Carolina de Kock é uma amavel e linda creatura, que tem recusado mais de um casamento vantajoso, só para não deixar seu pai. Tem os mesmos gostos que elle: cuida do jardim, cultiva rosas e faz as honras de Romainville com uma graça perfeita.

Como o autor do *Irmão Jascques*, ella gosta muito de gatos.

Henrique, o filho do romancista, é escriptor por direito de nascimento.

Tem publicado diversos romances. Suas peças são aceitas no theatro.

Paulo de Kock trata excellentemente seus hospedes em Romainville. Tem sempre quartos pomposos para as pessoas de amizade, e o seu maior prazer é que nenhuma dellas faça cerimonia em sua casa. Umás comem, outras dansam, outras jogam. Seu genio obsequioso chega a ponto de fazer o entreter seus hospedes tocando rabeça para dansarem, e cantando ao piano composições suas, musica e poesia.

Em Romainville, Paulo de Kock escreve seus romances á sombra das arvores, deitado sobre o musgo, ou sobre um tableiro de relva. De tempos a tempos, nos finaes de capitulos, pega em uma espingarda, que nunca esquece de trazer com sua penna, e faz uma guerra desapiadada aos passaros do bosque, disparando vinte ou trinta tiros para matar uma tuti-negra ou um pinta-roxo; depois deita-se de barriga para baixo, e continúa a escrever.

— Ah! disse-lhe um dia seu medico, se continúa a trabalhar dessa maneira, apanhará um bello rheumatismo

— Ora! exclamou Paulo de Kock, isso são historias, doutor!

Porem o doutor dizia a verdade, e o mal appareceu. O nosso romancista não se mostra triste porisso.

Ganhei esta molestia, diz elle, a fazer rir os outros; os diabos me levem se for capaz de me fazer chorar.

E continúa a escrever sobre a relva, quando o exigem as circunstancias.

Paulo de Kock tem sessenta annos, mas parece ter só quarenta.

Nunca falla de suas obras; parece ignorar a immensa reputação de que goza. E' o homem mais modesto que existe no mundo. Não tem a cruz da Legião de Honra, porque é necessario pedir a para obtel-a.

Paulo de Kock é um composto de La Fontaine e de Molière.

Uma noite, no salão da Sra. de Racambier, caiu a conversação sobre o autor do *Amante da Lua*, e Chateaubriand disse por essa occasião: « Paulo de Kock é um verdadeiro consolador. Nunca apresenta a hamanidade sob aspecto que entristeca. Com elle, o Homem ri e espera. »

Ri sobre tudo, eis o que é verdade. Muitos doutores habeis, prescrevem a seus doentes o regimen seguinte: « Dous capitulos de Paulo de Kock pela manhã, tres capitulos á tarde, sem tisana e sem cataplasmas. Remettem-os para o gabinete de leitura, em lugar de mandal-os para a botica. Os poentes seguem o conselho do Esculapio e ficam restabelecidos. »

GAZETILHA

Restabelecimento.—Com grande praser noticiamos hoje que a cha se convalecendo da molestia, que o prostou no leito por 15 dias, o nosso particular amigo eredactor desta folha dr. Assis Pacheco.

Mystificação dos partidos politicos.—Com este titulo publicamos em o nosso numero passado um bem ellaborado artigo, que obsequiosamente nos foi enviado. Por um lapso, porém, na paginação sahio elle em *Secção livre*, e não em collaboração como era o nosso intento e desejo, sirva, pois, este de uma reparação ao nosso engano, o que fazemos em deferencia a pessoa de seu auctor, a cuja disposição ficam as columnas d'esta folha.

Festa do Progresso.—Quinta feira, 6 do corrente tivemos o praser de assistir, em a chacara do sr. João Baptista Pacheco Jordão, á inauguração de um vapor que s. mandára assentar para servir de motor á seu bem montado engenho de canna.

E' um bonito locomovel de força de 8 cavallos; funcioneiro admiravelmente, e, não obstante estar a meia força, deu uma prova eloquentissima e irrecusavel da vantagem do trabalho aperfeiçoado sobre o systema antigo e rotineiro do motor animal.

Achava-se presente grande numero de pessoas, quasi que em sua totalidade de membros da familia.

Alegre e divertida passou-se a manhã entre os variados encantos que offerece um estabelecimento rural no primeiro dia de moagem. As 2 horas da taro de sr. Baptista Pacheco convidou obsequiosamente aos circunstantes a passarem para a sala do interior, onde os esperava uma lauta e abundante mesa.

Animado e risonho correu o jantar, fazendo-se notar sobre modo as maneiras lhanas e affaveis do dono da casa e sua estimavel consorte, os quaes, com a bondade que lhes é propria, timbravam em captivar os corações dos convivas.

Foram feitos varios brindes, sendo o primeiro dirigido ao sr. Baptista, como homem do progresso, amigo do aperfeiçoamento do trabalho e que visa largos horisontes no futuro.

As 5 horas da tarde retiraram-se os convidados levando no peito a gratidão e a saudade.

Assim terminou esta festa de progresso, festa familiar, sim, mas d'essas que se gravam bem profundamente na memoria e nos corações, não só pelos attractivos inherentes a uma reunião campestre, como também pelo bom acolhimento e excellento trato.

Ao sr. Baptista Pacheco cabe a gloria de ser o primeiro a introduzir na lavoura deste municipio esse notavel aperfeiçoamento; é necessario agora que tenha imitadores; que sigam o exemplo outros lavradores, e principalmente aquelles que se acham nas mesmas condicções.

Com tanto maior praser damos esta noticia, quanto importa ella um solemne desmentido áquelles que dizem que Itú está morto, que é nullo o seu progresso, que a sua lavoura definha,

Desastre.—A 6 do corrente estando o Norte-Americano Samuel Mott a trabalhar as 8 horas da manhã em a fabrica de tecidos dos srs. Anhaia & Angelo, onde se achava empregado como machinista, foi repentinamente acometido, de um ataque e na accção de cahir deu com a cabeça em um fer-

ro, do que resultou larga brecha e perda de muito sangue. Com o correr do dia sobrevieram mais alguns ataques vindo a fallecer de tarde.

Morte repentina.—No dia 7 falleceu repentinamente victima de uma congestão cerebral d. Maria Joaquina de Sousa Campos.

Contava de idade 65 annos, era geralmente estimada por suas virtudes, e sua morte foi uma perda muito sensivel a esta cidade, porque, alem de outros predicados que possuia, era uma das poucas pessoas que habilmente trabalhavão nas delicadas e bem conhecidas flores de lamina de côco da Bahia.

Facto horroroso.—Constantos que no districto da Villa de Monte-mór, umas mulheres fizeram abortar uma escrava sua, por mais de uma vez, dando-lhe pancadas sobre o ventre, estando ella em estado de gravidez; ultimamente subiu inda de ponto a malvadeza achando-se a referida escrava proxima a dar a luz, foi por suas senhoras tocada de caza para o matto, onde deu a luz, sendo o recém-nascido devorado pelos porcos, que trouxeram os pedaços até as imediações da caza!!!

Factos d'esta ordem não se commentam; são bastantes eloquentes por si sós.

Theses.—Fomos mimoseados com as theses e dissertação, que, para obter o grau de doutor em sciencias sociaes e juridicas, sustentou, perante a faculdade de Direito de S. Paulo, o illustrado e intelligente moço dr. Antonio Augusto de Bulhões Jardim.

Agradecemos-lhe a obsequiosa offerta.

Consorcio.—No dia 5 do corrente as 7 horas da noite celebrou-se em a igreja do Carmo desta cidade o casamento da ex.ª sra. d. Francisca Augusta de Moraes, filha do sr. Frederico José de Moraes, com o sr. Francisco Pereira Netto, filho do sr. major Francisco Pereira Mendes.

Foram testemunhas do acto, por parte da noiva a ex.ª sra. d. Bemvinda Rosalina de Moraes, e por parte do noivo o sr. José Narcizo de Camargo Couto.

Nossos parabens aos conjuges e as ex.ª familias.

Movimento de Santa Casa de Misericórdia—Durante o mez de Maio de 1877:

Existião do mez p.p.	29 doentes
Entrarão neste mez	8 »
Sahirão com alta	13 »
Falleceu	1 »
Existem em tratamento	16 »

Baptisados.—De 1, á 8 de Junho, baptisarão-se os seguintes:

Dia 2 Pedro de 32 dias filho de Carlos Correa de Moraes e Emilia Maria de Arruda.

Benedicto 26 dias filho de Benedicto Martins do Rosario.

Dia 4 Benedicta 9 dias filha de Antonio Joaquim Junior e Florinda Lopes

Dia 5. Francisco, 9 dias, filho do Cap. Joaquim José de Toledo e Maria Joaquina Ferraz de Toledo.

Dia 6. José, 16 dias, filho de Benedicto Antonio Ribeiro e Carolina Olivia Micher.

Etelvina 18 dias, filha de João Baptista do Santo Ivo e Maria Theodora de Quadros.

José, 9 dias, filho de Thereza Theodora da Annunciação, solteira.

Verginia, 13 dias, filha de Cecilia, solteira, escrava do dr. Frederico Dabeny d'Avellar Brotero.

Casamentos.—De 1 á 8 de Junho casarão-se os seguintes:

Dia 5. Jeronymo da Cunha com Maria Benedicta da Conceição.

Francisco de Assis Correa com Anna Benedicta Correa.

Francisco Pereira Mendes Neto com d. Francisca Augusta de Moraes.

Obituario.—De 1 á 8 de Junho sepultarão-se os seguintes cadaveres:

Dia 3. Messias, 2 mezes, filho de Gabriella, solteira, escrava de d. Antonia de Arruda Pacheco; catarro suffo-

cante. Benedicto, 8 annos, filho de José Bueno da Costa e sua mulher d. Escolastica Conceição; vermes.

Dia 6. Samuel Mott, Norte americano, casado, maior de 50 annos, repentinamente de epilipsia apopleticaforme.

Antonio, 2 annos, filho de Lasaro Bueno de Camargo e sua mulher d. Maria Joaquina; vermes.

Josephina, 12 mezes, filha de Quiteria solteira, escrava de d. Fortunata Alves de Araujo; vermes.

Joaquim Estevão do Amaral, casado, 46 annos; morphéa.

Maria, 8 annos, filha de Antonio Rodrigues da Silveira e Silva e sua mulher d. Theolinda Rodrigues da Silveira; queimaduras.

Dia 7. Candida, 3 annos, filha de Joaquim Pedro de Moraes e sua mulher d. Maria de Jesus; ataques de vermes.

D. Maria Joaquina de Souza Campos viuva, 65 annos, embolia cerebral.

Um recém-nascido, filho de d. Anna Flora de Albuquerque; logo depois de nascido

SECÇÃO LIVRE



AGRADECIMENTO

Manoel Martins de Padua Mello e sua senhora D. Amelia Augusta de Campos Mello, do intimo da alma manifestam seu profundo reconhecimento ás pessoas que tanto se prestaram, servindo-lhes no doloroso tranze porque acabam de passar com o fallecimento de sua preadissima sogra e mãe, D. Maria Joaquina de Souza Campos.

Podem a essas e outras pessoas de sua amizade para assistirem a missa do 7.º dia, que ha de ser celebrada na Ordem 3.ª de S. Francisco, no dia 13 do corrente, ás 8 horas da manhã.

Despedida

Ilhas Galvão de França e sua mulher, retirando-se desta cidade, para a de Piracicaba para onde se achão mudados, vem pelo presente despedir-se de todos os seus parentes e amigos, e de todas as pessoas em geral offerecendo-lhes os seus limitados prestimos na sua nova residencia, e pedindo lhes disculpa por não poderem despedir-se pessoalmente de todos, pela brevidade de sua mudança, a todos pois agradecem e aguardão suas ordens

EDITAL

O Dr. Francisco de Assis Pacheco Junior, Juis de Orphãos desta cidade de Itú e seo Termo.

Faço saber aos que o presente Edital virem, que da publicação a traz dias e Porteiro Ignacio Leite da Silva ou quem suas vezes fizer, trará a pregação de venda publica e arrematação pelos dias da Lei os bens constantes do Bilhete de praça que com este se lhe entrega, pertencentes a herança do finado Tenente Francisco, Gabriel de Freitas para pagamento dos credores, e que findos os dias da Lei e praça do estylo serão elles arrematados a porta da Casa das audiencias por quem porem mais der. E para que chegue a noticia a todos manijá passar, o presente que será affixado no logar do estylo e publicado pela imprensa de que se passará certidão para constar. Dado e passado nesta Cidade de Itú aos 7 de Junho de 1877—Eu José Francisco da Cesta Escrivão de Orphãos que escrevi.

Edital para venda de moveis de raiz pertencentes a herança do finado Tenente Francisco Gabriel de Freitas. Pora V.S.ª ver e assignar.

ANNUNCIOS



A' Gl.ª do Super.ª Arch.ª do Univ.ª

SUB.ª CAP.ª BENEFIC.ª ITUANA.

Convida-se a todos os membros do capitul.ª, a comparecerem á eleição da administração definitiva, marcada para 11 do corrente ás 7 horas da noite, sem falta

Val.ª de Itú 7 de Junho de 1877.

E.ª V.ª O Secret.ª int.ª

MONTELEONE

AO PUBLICO

Tendo perdido a minha carteira no dia 5 do corrente, n'esta cidade: com duas obrigações, uma de 600\$000, outra de 1:040\$00, com cento e poucos mil reis em dinheiro, e mais papeis de importancia, peço aquem encontrou a o favor de restituir-me que será gratificada com 50\$000.

Declaro em tempo, que as obrigações por si estão inutilizadas; por quanto não tem o pague-se a outrem e não declaro os nomes das pessoas que firmão as obrigações por depositar nellas toda confiança.

Itú 8 de Junho de 1877.

João Rodrigues de Camargo.

PHARMACIA

Tendo o abaixo assignado comprado a pharmacia do Sr. Luiz Gabriel de Souza Freitas, vem por meio d'este participar ao publico que desde o dia 1.º do corrente ella gira sob sua firma.

Outrosim pede aos freguezes do mesmo estabelecimento que continuem a coadjuval-o com a sua protecção, garantindo elle de sua parte a boa qualidade das drogas aceio e perfeição na preparação das receitas, visto como continua a mesma Pharmacia sob a direcção immediata do habil Pharmaceutico o Sr. Raphael Gonsalves Salles.

Ytú, 7 de Junho de 1877.

1-2

José Victorino da Rocha.

ATTENÇÃO

Acha-se avenda, nesta cidade a bam montada FABRICA DE SERVEJA ITUANA, com todos os seus utenceis: o proprietario deste estabelecimento compromete-se tambem a ensinar a pessoa que comprar, mediante o ajuste que fizer na occasião da venda.

Francisco Jacob.

2-2

ATTENÇÃO



Desapareceu do Salto, uma besta grande, marchadeira, cor alvaça, pertencente a José Galvão de França Pacheco Junior, quem della der noticias ou a entregar a seo dono será gratificado.

3-3

CONFETARIA EM YTU' A' RUA DO COMMERCIO N. 32

Emydio Baptista Bueno, participa ao respeitavel publico desta cidade, que de volta de sua viagem da Capital; fez aquisição de um grande e variado sortimento de molhados e outros artigos próprios de uma confeitaria, como sejam: doces, vinhos de todas as qualidades, cerveja ingleza das melhores marcas, licores francezes e nacionaes, cognac biscuit, rubim e de outros authors, genebra holandesa em botijas e em frascas bither de Angustura, Vermouthe Lion, Ikisch, Abeinth, Charopes de grolle e de outras qualidades; Paos, Presuntos, Linguigas de Lisboa, Salame de Lion, Queijos flamengos, Manteiga superior, Chá da India, Verde e preto, Biscoutos inglezes, diversas conservas alimenticias, Passas, Ameixas, Tamaras, Figos, Amendoads, Nozes, Avelam, Doces francezes e portuguezes, Massas brancas e amarellas para sôpa, Mostarda ingleza e franceza, Chocolate inglez, francez e amburgueze, Maisena, Farinha de trigo, Polvilho d'araruta e de mandioca, Charutos finos da Bahia, Sigarretas diversas, Vellas de composição, Assucar refinado (candi e christalisado) dito branco cru. Assim tambem um novo sortimento de sementes de flores e hortaliças, figos da China, Brinquedos para crianças e muitos artigos que seria longo mencionar. Assim chama a attenção das exmas. familia e freguezes, a virem capacitar-se da realidade e modicidade dos preços sem contestação.

2-2

Ver para crer!

FABRICA DE TECIDOS DO SALTO

O abaixo assignado, gerente deste estabelecimento, participa aos interessados que até o dia 15 do corrente serão recebidas propostas para as obras do forro daquelle edificio.

Outrosim declara que não se obriga á aceitar aquella que por menos fizer, reservando para si o direito de optar por esta ou por aquella, segundo o seu modo de ver. Itú 3 de Junho de 1877

SAMUEL IRMÃOS & COMP.
P. P. ARTHUR STERRY.

ILLUSTRAÇÃO BRAZILEIRA

Pedimos as pessoas que subscreveram para este periodico illustrado (á rogo do Sr. Jorge Stein), se sirvão declarar-nos se já tem recebido numeros desta publicação, visto não termos noticias algumas do mencionado agenciador desde o dia 12 de Abril p. p.

C. & H. FLEUISS.

Rua d'Ajuda N. 61, Rio de Janeiro.

FABRICA DO SALTO

Os proprietarios desta fabrica tem a honra de informar aos srs. compradores que os preços de pano durante o corrente mez serão os seguintes:

Algodão-sinho 3 listas	200 réis o metro.
» 4 »	320 réis o metro.
Mariposa 1	600 réis o metro.
Algodão (panno) 2ª	400 réis o metro.
Dito 3ª	420 réis o metro.
Dito 4ª	380 réis o metro.

Os preços acima são para compras d'uma pessa, mas no caso de vendas de 2 fardos para cima faremos uma redução de 40 réis em metro.

2-6.

INSTITUTO YTUANO DO NOVO MUNDO

De segunda feira em diante, 28 de Maio, achão-se abertas as aulas de francez, historia, e geographia. Quem quizer aprender, dirija-se ao professor Arsenio Pessolani, no mesmo edificio do Instituto das 6 ás 7 horas da noite.

3-3

TYPOGRAPHIA

DA

IMPRENSA YTUANA

Nesta typographia apromta-se com brevidade qualquer commenda como sejam: Cartas de convite para casamento, cartas Ede enterro, cartões de visitas, talões de recibos, circulars, cartazes para loja, programma para theatro, rotulos para diversas bebidas, disticos para taboletas etc. Por preço commodos.

YTU'

LARGO DO CARMO